

EMPÉDOCLES E A AGONÍSTICA DA COMUNICAÇÃO

EMPEDOCLES AND THE AGONISTIC OF COMMUNICATION

*Deodato Rafael Libanio*¹

Resumo: Este ensaio tem como proposta pensar a comunicação a partir da cosmologia de Empédocles, tendo como fonte parte dos seus fragmentos e bibliografia secundária. Como ponto de partida, destacamos o trabalho de Ciro Marcondes Filho, o primeiro pesquisador da área da comunicação do Brasil a trazer textos de um pré-socrático, no caso de Heráclito, para fundamentar as suas propostas sobre a ciência da comunicação. A partir da discussão iniciada por Marcondes Filho, propomos imergir no pensamento de Empédocles para refletir sobre suas possíveis contribuições para a área da comunicação, tendo como hipótese uma teoria agonística da comunicação.

Palavras-Chave: Pré-Socráticos. Agonística da comunicação. Empédocles. Ciro Marcondes Filho

Abstract: This essay proposes to think about communication from the perspective of Empedocles' cosmology, having as a source part of his fragments and secondary bibliography. As a starting point, we highlight the work of Ciro Marcondes Filho, the first researcher in the field of communication in Brazil to bring texts from a pre-Socratic period, in the case of Heraclitus, to support his proposals on the science of communication. Based on the discussion initiated by Marcondes Filho, we propose to immerse ourselves in Empedocles' thinking to reflect on his possible contributions to the field of communication, having as a hypothesis an agonistic theory of communication.

Keywords: Presocratics. Agonistic communication. Empedocles. Ciro Marcondes Filho

Introdução

Estudar um pré-socrático nos fez entrar em um universo infinito de traduções e comentários que permeiam toda a história da filosofia, a filologia e os estudos da língua grega. Os fragmentos que chegaram até nós foram escritos, em geral, em forma de poema e não apresentam uma estrutura semelhante aos textos modernos de filosofia, além de não estarem em sua integralidade, o que dificulta a interpretação, ainda mais para um pesquisador de fora da filosofia. Portanto, o leitor deste ensaio não irá encontrar um trabalho construído sob o rigor da metodologia clássica de estudos de filosofia antiga.

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. <https://orcid.org/0000-0003-3031-1806> E-mail: deodatorafael@usp.br.

O que nos motivou a escrever este trabalho foi a leitura do capítulo “Atração e Repulsão: Empédocles” da obra “Arqueologia da mídia” de Zielinski (2006), um texto da área de estudos dos *media*. As reflexões e a fluidez dos conceitos nos fascinaram a ponto de nos levar aos fragmentos de Empédocles. Porém, ao estudar os fragmentos deste pré-socrático e a bibliografia secundária, não encontramos uma relação fiel do texto de Zielinski ao pensamento empedocleano, o que despertou a busca por mais fragmentos e outros comentadores. Essas buscas nos levaram a um questionamento: como Empédocles pode contribuir para o campo da comunicação?

Na pesquisa bibliográfica sobre os pré-socráticos no campo da comunicação foram encontradas apenas as contribuições de Ciro Marcondes Filho sobre Heráclito, um predecessor de Empédocles. Marcondes Filho (2018) faz um debate sobre a cosmologia heraclitiana e apresenta alguns comentadores. Ele constata que o movimento proposto pelo filósofo, de constante renovação, seria o motor de uma ciência que se proponha a ser ciência da comunicação. A partir da contribuição desse autor, a pergunta teve que ser refeita: quais contribuições que Empédocles pode gerar para o campo da comunicação além das contribuições de Heráclito?

Para dar conta dessa questão lançamos mão de uma metodologia *sui generis*, apostando no diálogo e na intersecção entre os campos da comunicação e da filosofia, para discutir sobre Empédocles. Primeiro, optamos por partir do campo da comunicação e, por isso, o trabalho é iniciado com Marcondes Filho e a inserção de Heráclito no campo da comunicação. Dando sequência na discussão, levantamos o problema que remete à Empédocles, que nos leva para o caminho da filosofia. Por fim, buscamos retornar para o campo da comunicação para elencar as contribuições do pensamento de Empédocles.

1. Heráclito e a ciência da comunicação

Marcondes Filho delimita a comunicação como um campo autônomo do conhecimento, pontuando os elementos básicos que a constituem como ciência. Para o autor, uma ciência deve estabelecer um objeto, uma ontologia e um procedimento investigativo (epistemologia) que possa levar a um conhecimento (MARCONDES FILHO, 2018, p. 13). O objeto da comunicação em sua proposta é o acontecimento comunicacional, um fenômeno que afeta um sujeito e produz algo novo, constituindo um antes e um depois em sua vida. A ontologia da comunicação, na visão do autor, não pode ser reduzida a rigidez da pergunta *o que é?*, pois esta questão remete a uma definição

ideal da comunicação. Em sua perspectiva, pensar ontologicamente a comunicação é refletir sobre os elementos que se unem em uma dada relação constituindo um fenômeno comunicacional, portanto, seria inadequado fechar uma definição, em contrapartida, seria mais profícuo demarcar os “sintomas” ou circunstâncias que impulsionam o fenômeno em sua novidade. Deste modo, levando em conta a volatilidade dos elementos ontológicos da comunicação, o autor define o Ser dessa ciência como um “Ser no tempo”, um “estar-sendo” (MARCONDES FILHO, 2018, p. 13).

Definido o Ser da comunicação como “ocorrência” e “circunstância”, o objeto de estudo da comunicação se torna contingente, por isso, só pode apreendido no durante, em sua ocorrência². Para se pesquisar tal fenômeno, o autor propõe a epistemologia metáporica. O termo metáporo vem justamente para contrapor a ideia de método (meta + odos), que estrutura um caminho rígido a ser seguido na pesquisa; no metáporo (meta + poros), o pesquisador percorre o caminho caótico dos poros³, que vão se abrindo durante o evento, cabendo a ele sentir, viver e apreender as nuances da vivência. Em outras palavras, as únicas coisas que o pesquisador controla são o fenômeno para o qual ele desejou se expor e o relato de sua vivência, que irá descrever se ocorreu ou não o acontecimento, como foi e quais foram as circunstâncias que ele emergiu ou não (MARCONDES FILHO, 2010a, p. 261, 262). Assim, o conhecimento se constitui na apreensão e no relato da novidade do acontecimento comunicacional⁴.

Marcondes Filho, procura consolidar as bases teóricas do campo científico da comunicação partindo da filosofia, tendo-a como um saber fundador. Com isso, ele tenta livrar a comunicação dos “saberes tutores” das ciências sociais, da linguística, da psicologia e de suas respectivas metodologias. Em contrapartida, o autor adverte que este “consolidar” não é um termo adequado para uma ciência que se pretende dinâmica e mutante, sendo apenas uma “figura retórica” (MARCONDES FILHO, 2018, p. 19).

² Os elementos ontológicos do acontecimento são: intencionalidade, tempo, feminino, erotismo, sentido, violência, alteridade e abertura. Cada um é conceituado de forma singular e juntos compõem os elementos que fazem emergir o acontecimento, porém não é excluída a possibilidade de constatação de novos elementos. Essas discussões estão presentes em todo o *Tomo V do Princípio da Razão Durante* (MARCONDES FILHO, 2010a) e da obra *Comunicologia ou Mediologia?* (MARCONDES FILHO, 2018). Comentamos os pressupostos ontológicos e epistemológicos da Nova Teoria da Comunicação em: (LIBANIO, 2018b; LIBANIO, 2022).

³ A ideia de poros foi trazida para o campo da comunicação por Danielle Naves de Oliveira (2017), a partir do ensaio *Poros: ou as passagens da comunicação*.

⁴ O que caracteriza o evento como acontecimento comunicacional é a ocorrência de uma situação provocada por uma intencionalidade que impacta notavelmente o sujeito que vivencia o fenômeno, promovendo um antes e um depois, algo o comunicou (MARCONDES FILHO, 2018, p. 13, 14).

Essa visão de ciência leva em conta a ideia de movimento do cosmos da filosofia de Heráclito, que Ciro Marcondes Filho lança mão para expor a sua ideia de ciência “mutante”:

As pessoas mudam a cada dia, tornam-se diferentes, mas são elas mesmas em permanente mutação, alterando-se e permanecendo si mesmas de outra maneira por um estranho processo de continuidade na mudança. A comunicação é catalisadora da mudança; a informação a detém. É a dialética heraclitiana do sol: *não nasce apenas, é novo a cada dia, mas sempre novo, continuamente.* (MARCONDES FILHO, 2018, p. 19).

Podemos perceber, que o autor entende o acontecimento comunicacional como um devir, uma força catalisadora da mudança e da desestabilização dos sujeitos, por isso, a comunicação é sempre nova, assim como os sujeitos que misteriosamente mudam, mas que ainda permanecem os mesmos de alguma forma. Porém, podemos ressaltar que, para Heráclito (1996), o acontecimento não é necessariamente algo grandioso, mas sim algo que transforma, porque no constante vir a ser da vida no cosmos, os indivíduos, os objetos, a natureza são afetados e modificados.

Em uma obra anterior, Marcondes Filho (2010b, p. 19) faz um profícuo estudo sobre Heráclito e o aponta como precursor de alguns fundamentos que sustentam a sua proposta científica da comunicação, são eles: a ideia de movimento perpétuo pelo choque dos contrários; a apreensão única do ser; o jogo entre visível e invisível; e, principalmente, a sua “teoria do acontecimento puro” que se enquadra na proposta da razão durante (MARCONDES FILHO, 2010b, p. 19).

Segundo a interpretação de Marcondes Filho (2010, p. 21), para Heráclito, o *lógos*, o fogo e o tempo são os principais elementos de sua cosmologia. O *lógos* expressa a relação com o conhecimento, pois é necessário “ouvir” o *lógos*⁵ para podermos apreender o movimento das coisas na relação dos contrários, notando que a estabilidade é mera aparência. Portanto, o *lógos* revela a constante mutação das coisas a partir do seu princípio motor, o fogo, assim como nos possibilita a percepção da mudança, tornando factível uma dimensão de tempo.

A ideia de perpétuo movimento⁶ trazida por Heráclito é fundamental para Ciro Marcondes Filho. Para o autor, a ciência, o saber, os conceitos e o homem na duração de

⁵ Ciro Marcondes Filho está se baseando em: (HERÁCLITO, *Sobre a natureza*, b 01).

⁶ Hegel (1996, p. 103) nos traz uma profícua reflexão sobre essa questão. Segundo o filósofo, a identidade do Ser em Heráclito é não-Ser. Tal fundamentação parte da ideia de que o que “está a vir” é que na verdade

sua vida estão em um constante vir a ser, sendo que, a força catalisadora para essas mudanças é a comunicação (MARCONDES FILHO, 2010b, p. 35). O segundo ponto fundamental é que Heráclito aposta na apreensão do devir pelo *lógos*, porque é por meio dele que se torna possível a apreensão da instabilidade das coisas do mundo, algo aproximado ao que Marcondes Filho deseja apreender da contingência do acontecimento comunicacional (MARCONDES FILHO, 2010b, p. 36).

Partindo dessas reflexões, chegamos ao ponto que interessa ao trabalho. Marcondes Filho, no nosso entendimento, mostra como Heráclito o ajudou a pensar e a fundamentar as suas proposições ontológicas e epistemológicas. De modo análogo, partindo do entendimento de Marcondes Filho sobre a comunicação, propomos discutir que Empédocles, um pensador posterior a Heráclito, também pode trazer boas contribuições para a área da comunicação. Nos esforçamos a partir de agora nesta direção.

2. A cosmologia de Empédocles

Iniciando por alguns dados biográficos, Empédocles nasceu aproximadamente em 490 e faleceu em 435 a.C.⁷ (KUHNEN, 1996, p. 163). O filósofo, natural da colônia de Agrigento, atual Sicília, era de família nobre e defendeu a democracia, tanto que, possivelmente foi desterrado no triunfo de seus opositores políticos. O local de sua morte é incerto, provavelmente morreu no Peloponeso. Durante a sua vida tornou-se uma figura lendária, atribuía a si poderes sobrenaturais, um exemplo disso é que surgiram lendas entorno de seu nome, uma delas dizia que ele morreu na cratera do vulcão Etna ao tentar provar que era um deus (DIÓGENES LAÉRCIO, VIII. 2. 63-66).

Empédocles escreveu dois poemas em jônico: *Sobre a natureza* (EMPÉDOCLES, *Sobre a natureza*, b 1-111)⁸, que trata da cosmologia; e *Purificações* (EMPÉDOCLES, *Purificações*, b 112-148)⁹, que fala da alma e da religiosidade. Segundo Kuhnen (1996, p. 163), a sua doutrina pode ser vista como “a primeira síntese filosófica”, pois ela

é o Ser, por isso, o não-Ser é Ser, levando-nos a ideia de um constante devir universal como fundamentação ontológica do mundo.

⁷ Como as datas são incertas e aproximadas, os comentadores divergem. De acordo com Marilena Chauí (2002, p. 107), o seu nascimento ocorreu por volta de 492 a.C.; já Diógenes Laércio (VIII. 2. 63-66) data o período entre o nascimento e a morte do filósofo de 484 e 424 a.C..

⁸ Utilizamos a tradução de José Cavalcante de Souza, publicada na *Coleção Os Pré-Socráticos* (EMPÉDOCLES, 1996, p. 173-188).

⁹ Na tradução que usamos como referência os fragmentos se encontram em: (EMPÉDOCLES, 1996, p. 188-192).

substitui a busca dos pensadores jônicos¹⁰ do elemento ou princípio originário da vida por quatro elementos (terra, água, ar e fogo), combinando as duas principais doutrinas da época, o ser imóvel de Parmênides e o devir de Heráclito.

Dentre as inúmeras e possíveis influências em seu pensamento, acredita-se que a da Escola Jônica seja a mais forte, até porque Empédocles escreveu os seus poemas em jônico. Outras influências que são muito prováveis, de acordo com Chauí (2002, p. 106) e Kuhnen (1996, p. 163), são as de Parmênides e Heráclito, que o antecederam historicamente, dado que, é possível encontrar traços nos seus poemas que vão na direção de conciliar essas duas formas antagonistas do pensamento grego. A influência do pitagorismo pode ser possível, porque Diógenes Laércio (VIII. 2. 63-66) o insere dentro desta escola¹¹. Já Zielinski (2006, p. 63-64), acredita que o autor busca unir as teorias de Parmênides e Anaxágoras, porém podemos ressaltar que Anaxágoras não é encontrado como uma influência factível em nenhum dos comentadores que trabalhamos, podendo ser até historicamente questionada a influência, mesmo com a inexatidão das datas¹².

A cosmologia (*kosmología*¹³) de Empédocles apresenta uma visão da natureza (*phýsis*) com leis e formas estruturadas, na tentativa de explicar, pela via da razão, a origem da vida e sua transformação. Para imergirmos na organicidade de sua proposta, iniciamos a discussão sobre a estrutura geral de funcionamento do cosmos (*kósmos*) e depois vamos abordar a relação entre os corpos na natureza. Primeiramente partimos das discussões dos comentadores e depois vamos para a reflexão, um tanto que singela e, ao mesmo tempo, muito audaciosa, de parte dos fragmentos de Empédocles.

O filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1996, p. 198-199), ressalta em seu comentário que o misticismo e a ciência andam lado a lado no pensamento de Empédocles. Em sua perspectiva, Empédocles considera que o todo “não pode ser visto, ouvido ou captado pela inteligência”, dado que, apenas podemos apreender as coisas do

¹⁰ Um dos maiores expoentes da Escola Jônica é Tales de Mileto (1996), o primeiro a ser reconhecido como um filósofo pré-socrático. Ele foi o primeiro físico ou pesquisador da natureza grego. Tales acreditava que a água era o princípio de todas as coisas. Alguns dos outros filósofos que pertenceram a essa escola foram: Anaximandro de Mileto, Anaxímenes de Mileto e Heráclito de Éfeso (CHAUÍ, 2002, pp. 54-64).

¹¹ Não somos especialistas na questão, mas pode ser possível encontrar alguma ressonância ou aproximação entre as reflexões mais gerais da escola pitagórica, com algumas passagens do poema *Purificações* de Empédocles, de acordo com os respectivos capítulos da obra *Coleção Os Pré-Socráticos*.

¹² Segundo Jonathan Barnes (2000, p. 362), Anaxágoras de Clazômena viveu aproximadamente entre 500 e 428 a.C., sendo, provavelmente, um contemporâneo de Empédocles, porém mais jovem. O helenista, argumenta que não há conexão alguma entre os dois pensadores, dado que, segundo Teofrasto, Empédocles não era “muito mais jovem” do que Anaxágoras e, para Aristóteles, ele morreu aos setenta anos e escreveu possivelmente antes que Anaxágoras.

¹³ Todos os termos gregos empregados no trabalho aparecem no glossário de Chauí (2002).

mundo por meio dos sentidos e, por conta disso, jamais conseguiríamos alcançar a totalidade (NIETZSCHE, 1996, p. 200). Nesta filosofia, o cosmos é movido pelas forças de *Phília* e *neikos*, movimentos opostos de atração e repulsão, respectivamente, capazes de promover entre os corpos relações necessárias entre os “efeitos e a forma das coisas”. Por conseguinte, é necessária certa semelhança e correspondência entre os corpos para que eles se misturem na natureza. Assim, por meio da atração e repulsão dos corpos é produzido o movimento da vida no cosmos. Porém, Empédocles não especifica qual dessas forças prevalece, na visão de Nietzsche, ele apenas as atribui a pluralidade da *phýsis* (NIETZSCHE, 1996, p. 202-203).

Para o helenista Jonathan Barnes (2000, p. 366), a cosmologia de Empédocles pode ser discutida em sua atividade orgânica. O comentador argumenta que o Ser, para o pré-socrático, é composto por quatro elementos fundamentais, sendo eles: fogo, água, terra e ar. A estes elementos, são somados mais dois, que seriam as forças motoras do seu movimento, que são: o amor (*phília*) e a luta (*neikos*). Neste sentido, para Barnes, não há como pensar nos quatro elementos que formam o cosmos sem levar em conta a ação das forças que unem ou separam a matéria, que são as causas fundantes do movimento e da pluralidade da natureza. Outro ponto ressaltado por Barnes é o ciclo do cosmos, que congrega as raízes em um movimento interminável: hora dominado pelo amor, hora pela luta. Quando o ciclo está na fase de ação do amor, os elementos se unem gradativamente até formar uma massa única, uma “esfera homogênea em que se penetram todas as raízes”, permanecendo em “repouso por certo tempo”¹⁴ (BARNES, 2000, p. 366, tradução nossa); depois se desenvolve a fase da luta, em que a união dos elementos bases da esfera se rompe, ocorrendo uma gradual separação, formando quatro massas distintas. Depois haverá outra fase cíclica do amor e, assim, infinitamente. Uma frase do comentador que sintetiza este movimento é que o “nosso mundo está condenado a destruição, porém depois da destruição se criará outro mundo”¹⁵ (BARNES, 2000, p. 367, tradução nossa).

Barnes (2000, p. 367, tradução nossa) aponta que o poema de Empédocles sobre a natureza tem uma descrição muito profícua do mundo natural, constatando uma ideia de cosmogonia, de astronomia, de meteorologia, de zoogonia, de biologia e de botânica. Além disso, ele localizou observações do filósofo sobre embriologia, anatomia, fisiologia

¹⁴ No original: “Cuando el amor domina, se forma una esfera homogénea en la que penetran promiscuamente todas las raíces (...); y la esfera está en reposo un cierto tiempo” (BARNES, 2000, p. 366).

¹⁵ No original: “nuestro mundo está condenado a la destrucción, pero después de la destrucción se creará otro mundo” (BARNES, 2000, p. 367).

e psicologia. Em síntese, o comentador considera que Empédocles produziu uma “ciência natural detalhada e com frequência nova dentro da grande tradição jônica”¹⁶.

Interpretando o fragmento 13 b de *Sobre a natureza*, Barnes (2000, p. 470) sustenta que na ontologia de Empédocles não existe vazio, porque um espaço vazio não tem nenhum corpo, assim como não existem espaços cheios, porque dois corpos não ocupam o mesmo espaço. Em contrapartida, existe um espaço entre as matérias que permite os deslocamentos dos corpos (BARNES, 2000, p. 472).

Com os ciclos e os movimentos impulsionados pelas forças, na leitura de Barnes (2000, p. 372), Empédocles busca mostrar como se formam as coisas no cosmos e como funciona a dinâmica da vida, dado que, as coisas são submissas a eternidade cíclica, porque são originadas dos elementos básicos. Tal forma de pensamento, conforme Barnes (2000, p. 372-373), remete à Parmênides, com a diferença de que, a postura de Empédocles não é de imobilidade e sim de mudança constante, que ocorre entre o nascimento e a ruptura, entre a alteração e a locomoção da matéria, porém, pelo ponto de vista do ciclo, o cosmos se mostra fixo porque não há nada novo, o movimento sempre se repete. Por conseguinte, ele mantém o universo fixo de Parmênides, porém com as mudanças da matéria e com o princípio originário da vida como fazem os jônicos. Em outras palavras, podemos dizer que há uma mudança local e uma estabilidade global, pois toda mudança segue leis invariáveis.

Dentre outras contribuições de Barnes (2000, p. 519), ressaltamos a argumentação do autor de que na cosmologia de Empédocles nada é a não ser os quatro elementos, por isso, tudo o que se forma é não-Ser, são apenas combinações dos elementos formadores do cosmos. Deste modo, não existe em seu pensamento uma hierarquia ou diferenciação entre os seres, porque todos têm a mesma origem e compõe uma totalidade.

A filósofa Marilena Chauí (2002, p. 109), trabalha com a hipótese de que o ofício de médico de Empédocles pode ser uma chave de leitura para os seus fragmentos. Este elemento, justificaria algumas das posições tomadas pelo filósofo, como a concepção plural da *phýsis* e suas quatro raízes (*rizómata*), que são perpassadas por forças corpóreas que as unem ou separam, sendo elas: o amor ou amizade (*phília*) e o ódio ou discórdia (*neikos*). Esta concepção de cosmos, proposta por Empédocles, pode estar relacionada com a concepção que a medicina antiga tinha do corpo humano. De acordo com a autora, os gregos entendiam que o corpo era constituído por quatro líquidos, denominados de

¹⁶ No original: “una ciencia natural detallada y con frecuencia nueva dentro de la gran tradición jónica”.

“humores”, são eles: o sangue, a fleuma, a bílis amarela ou cólera, a bílis negra ou atrabílis; os “humores” dotados de “quatro qualidades”: “seco, úmido, frio e quente”. As misturas destas qualidades em diversas proporções formam o “temperamento ou caráter ou natureza” de cada sujeito, sendo que, a combinação equilibrada dos humores representa saúde e o desequilíbrio, a doença.

A comentadora ressalta a crítica que Empédocles faz no início do poema *Sobre a natureza* (b 02) aos seus antecessores. Em sua perspectiva, Empédocles afirma que os filósofos que o antecederam tiveram uma vida breve e uma experiência parcial das coisas, porém julgavam-se detentores do conhecimento de tudo, por isso, ele os denomina de frívolos, pois ressalta o “como é difícil conhecer”, porque não basta dizer que a verdade não pode ser alcançada pelos sentidos para justificar as abstrações como representantes fiéis da natureza. Portanto, este pensador valoriza a percepção e os sentidos como vias “de acesso ao pensamento” (CHAUÍ, 2002, p. 109).

A comentadora, pontua que Empédocles está parcialmente de acordo com Parmênides na concepção do Ser como esférico, sem princípio ou fim e sem vazio ou vácuo, porém, ele não está de acordo que o Ser seja “uno, imóvel e homogêneo”, porque em sua concepção o universo é “múltiplo, móvel e heterogêneo”, dado que, a *phýsis* é múltipla em sua base, pois é formada por relações heterogêneas entre as suas quatro raízes (fogo, água, ar e terra). Neste caso, as raízes são eternas como o Ser de Parmênides, cada uma é “idêntica a si mesma, indestrutível, sem nascimento nem perecimento” e formam todas as coisas do cosmos. Ao fundamentar que a base do cosmos é sustentada por relações heterogêneas, Empédocles cria um argumento que sustenta a ideia de que multiplicidade da vida na natureza é originada pela mistura dos elementos cósmicos, por outro lado, a morte é provocada pela dissociação destes elementos. Assim, Empédocles fundamenta a constituição da vida como relacional, opondo-se à tradição, que buscava um elemento originário da natureza (CHAUÍ, 2002, p. 110).

No princípio da cosmologia de Empédocles, segundo Chauí (2002, p. 110-111), as raízes estão completamente misturadas, formando algo uno, até que uma força externa, mas também corpórea, invade o cosmos e as separam. Esta força dissociativa é o ódio, ele é quem possibilita a multiplicidade da natureza, pela separação e morte. Posteriormente, outra força corpórea externa se engendra no seio do múltiplo, o amor, fazendo com que as raízes e os elementos que estavam dissociados se misturem, formando novas formas de vida. Portanto, “o Amor é o gerador de todas as coisas”.

Na concepção do teórico dos *media* Siegfried Zielinski (2006, p. 63-64), pode ser possível elaborar uma “teoria da percepção” a partir dos fragmentos de Empédocles, partindo desta hipótese, ele constrói o seu comentário. Em sua visão, o pensamento político de Empédocles é um ponto chave para a elaboração da sua ideia de cosmos, dado que, o filósofo era adepto da democracia. Esta ideia serviu de inspiração no que diz respeito a concepção cósmica de “reconciliação pacífica de opostos”, assim como inspirou a forma com que o filósofo fundamentou sua ideia de natureza como unidade e multiplicidade. Para Zielinski, a noção de unidade do cosmos mostra uma influência de Parmênides no pensamento de Empédocles, já a noção de mistura e heterogeneidade do mundo natural marcam uma influência de Anaxágoras.

Zielinski (2006, p. 63-64) elenca três princípios fundamentais do cosmos da filosofia empedocleana, são eles: a atribuição da pluralidade do Ser, diferente de Parmênides que conceitua o Ser como uno e imóvel, o Ser é delimitado por quatro elementos ou raízes (água, ar, terra e fogo), sendo que, todas as formas de vida são compostas por eles em proporções distintas; a mistura é o princípio das coisas, para Empédocles não existe nascimento ou morte, na verdade as coisas se associam ou dissociam, compondo-se de alguma forma, assim, tudo está em movimento; as relações são tensionadas pela atração (amor, *philia*) e repulsão (discórdia, *neikos*), dependendo da forma com que essas forças se tensionam determina-se o movimento.

De um modo geral, na leitura do comentador, as forças de atração e repulsão determinam a estrutura do universo, como a relação entre centro e periferia, por exemplo. A forma ideal das relações é o amor, que quando está no centro da tensão as misturas mostram-se mais igualitárias. Quando esta forma igualitária atinge uma dimensão ampla das relações, constitui-se um estado de *sphiros*, em que a quietude e a felicidade reinam nas relações, promovendo o estabelecimento da paz. Porém, como se trata de uma cosmologia em que o fluxo do movimento é eterno, o amor não permanece eternamente no centro, por vezes é a discórdia que assume o protagonismo, direcionando um estado de separação e conflito, em que o amor aparece na borda da esfera. Tempos depois o ciclo se alterna, ora dominado pelo amor, ora pela discórdia (Zielinski, 2006, p. 65).

Como podemos perceber, dentre as interpretações que trabalhamos até aqui, existem alguns consensos sobre a estrutura da cosmologia de Empédocles. O primeiro é de que o Ser é formado por quatro elementos (terra, água, ar e fogo); o segundo é de que existem duas forças (*philia* e *neikos*) que entram em tensão, gerando os movimentos e as misturas na natureza. Porém, no que diz respeito ao funcionamento do cosmos há muitas

divergências entre os comentários. A partir disso, podemos seguir algumas pistas do que foi levantado para formular uma possível interpretação dos fragmentos de Empédocles.

No que diz respeito a estrutura do cosmos, o fragmento 06 do poema *Sobre a natureza* (b 06) indica o direcionamento de quatro raízes distintas, vejamos: “Pois as quatro raízes de todas (as coisas) ouve primeiro:/ Zeus brilhante e Hera portadora de vida, Aidoneus/ e Nestis, que de lágrimas umedece fonte mortal”. Neste trecho do poema, podemos perceber que Zeus aparece simbolizando a raiz do fogo, Hera provavelmente simboliza o ar, Aidoneus a terra e Nestis a água que umedece a terra que é fonte mortal¹⁷.

No fragmento 17 de *Sobre a natureza* (b 17) são citados os termos *phília* e *neikos*, elementos centrais da cosmologia de Empédocles, conforme discutimos acima. Estas forças, podem ser interpretadas neste fragmento, como agregadoras e desagregadoras das coisas, porque agem sobre as suas raízes, sendo capazes de originar múltiplas formas na natureza. Outro índice do fragmento é de que o clico do cosmos ora é dominado por uma destas forças, tornando-se um só corpo de muitos e ora ele aparece de forma oposta. Neste sentido, o Ser pode ser interpretado como como múltiplo e uno. Uno, porque as suas quatro raízes constituem uma base unitária para todas as coisas da natureza; múltiplo, porque as raízes não se resumem a uma só coisa, mas sim constituem um âmbito de relações heterogêneas. Um trecho do fragmento representa bem tais pontos:

Pois como já antes disse, revelando o alcance do mito,/ duplas (coisas) direi: pois ora um foi crescido a ser um só/ de muitos, ora de novo partiu-se a ser muitos de um só,/ fogo e água e terra, e de ar a infinita altura,/ e Ódio funesto fora deles, de peso igual em toda parte,/ e Amizade dentro deles, igual em comprimento e largura;/ contempla-a co'a mente, e com os olhos não te sentes pasmo;/ ela entre mortais se considera implantada em seus membros,/ por eles pensam (coisas) de amor e obras ajustadas fazem,/ de Alegria chamando-a pelo nome, e de Afrodite. (EMPÉDOCLES, *Sobre a natureza*, b 17).

Estas concepções aparentam se repetir no fragmento 08 de *Sobre a natureza* (b 08), em que, possivelmente, Empédocles parece arguir que não há criação ou morte no cosmos, mas sim mistura e dissociação. Deste modo, não haveria uma hierarquia entre seres ou espécies, porque tudo faz parte do Ser.

No fragmento 12 de *Sobre a natureza* (b 12), Empédocles fala sobre o Ser, vejamos: “Pois do que de nenhum modo é, impossível é vir-a-ser,/ destruir-se o que é (é) impossível e impensável;/ pois será sempre lá, onde um sempre (o) firmar”. Podemos

¹⁷ Conforme a nota 01 da página 174, do tradutor José Cavalcante de Souza (EMPÉDOCLES, 1996).

interpretar as ideias deste trecho no sentido de que, possivelmente, não existe mudanças na composição estrutural do Ser, pois o Ser *é* e não tem como ele vir a ser, porque a mudança existe apenas em seus desdobramentos. Partindo desta passagem citada, podemos inferir, que talvez exista a presença da ideia de Ser uno de Parmênides, porém de uma forma diferente, dado que, o Ser não está fixo, mas em pleno movimento, por meio da dinâmica das forças de *philía* e *neikos*, capazes de juntar e separar os corpos sem interferirem na essência do Ser.

No fragmento 13 de *Sobre a natureza* (b 13), Empédocles parece questionar de forma negativa a probabilidade de encontrar algo vazio ou em excesso, porque tudo é Ser e não existe a possibilidade de não-Ser, seja ela de vazio ou de transbordamento. Em outros termos, pode ser viável argumentar que por conta das quatro raízes o Ser é onipotente e onipresente, porém ele não é imaterial, dado que, ele é o princípio vital de toda a natureza, conforme podemos interpretar o fragmento 21 de *Sobre a natureza* (b 21). Assim, o vazio seria um espaço sem vida e o transbordamento algo para além da vida.

Essas seriam as questões gerais da cosmologia de Empédocles, agora, daremos um passo adiante para discutirmos a teoria dos poros, que diz respeito a relação entre os corpos na natureza. Nossa hipótese é a de que esta teoria pode trazer insights importantes para a comunicação.

3. Os poros e a percepção

O filósofo Teofrasto¹⁸ (1996) comenta a teoria dos poros de Empédocles em sua obra *Da Sensação*. De modo geral, em seu texto há críticas as teses de Empédocles sobre a sensação e o pensamento, mas ao desenvolver as suas ideias ele acaba por apresentar um panorama das proposições empedocleanas. O comentador inicia a sua argumentação dizendo que Empédocles, na mesma direção que Parmênides e Platão¹⁹, constrói a sua argumentação partindo da ideia de que a sensação surge do semelhante, diferente de Heráclito e Anaxágoras que pensam que a sensação surge da relação entre os contrários. Neste ponto, Teofrasto está criticando a teoria dos poros de Empédocles que, segundo o comentador, atribui um funcionamento idêntico a cada sentido, colocando a origem da

¹⁸ Discípulo de Aristóteles, viveu aproximadamente entre 372-287 a. C..

¹⁹ As possíveis contribuições de Platão para o campo da comunicação foram discutidas de modo inicial por Libanio (LIBANIO, 2018a).

sensação como adaptação dos poros por semelhanças entre os corpos de uma relação. Além disso, Teofrasto argumenta que não se pode julgar a sensação de um outro, pois alguns corpos possuem poros mais abertos e outros mais fechados, de modo que, a sensação pode ser bem forte em um corpo e bem atenuada em outro (TEOFRASTO, 1996, p. 167). Deste modo, o autor aponta que na teoria de Empédocles o prazer é a adaptação aos semelhantes e a dor a adaptação aos dessemelhantes. No que diz respeito a sabedoria e a ignorância ocorre algo análogo, dado que, o saber é próprio dos semelhantes e a ignorância dos dessemelhantes. Portanto, para Teofrasto (1996, p. 168), a sensação e a sabedoria seriam quase a mesma coisa, o que é um problema, porque em sua visão tratam-se de coisas distintas.

Teofrasto (1996, p. 169) nota outra possível fragilidade no pensamento empedocleano, no que se refere a necessidade de existir uma diferença entre os corpos na relação para que ocorra a sensação, pois caso ocorra uma semelhança “completa e universal” não seria possível existir sensação, porque os dois corpos se tornariam um só. Então, a sensação é produzida em todos os casos em que ocorram relações entre os diferentes, sendo a semelhança algo apenas aproximado, porque não existe adaptação completa do semelhante, “mas somente contato”. De modo análogo, não existe a possibilidade de uma sensação recíproca, pois os poros não estão em proporção perfeita entre os diferentes. Em síntese, Teofrasto (1996, p. 171) conclui que sob o reino do Amor “não haveria em geral sensações” ou elas seriam mais fracas, pois a tendência da semelhança na composição ou mistura dos corpos impede a troca de eflúvios.

O filósofo Nietzsche (1996, p. 202), pontua que a teoria dos poros de Empédocles está relacionada com a teoria das forças, assim, o comentador tenta formular um sentido geral a cosmologia do pré-socrático. Em sua visão, *philia* e *neikos* são os motores do cosmos, porém existem múltiplas formas de relação e aproximação entre os corpos, dado que, mesmo separados eles podem agir uns sobre os outros, por meio de um “destacamento de partículas minúsculas e invisíveis”, denominadas de eflúvios, que podem penetrar em orifícios, denominados de poros, de outro corpo. Nesta direção, o comentador pontua que, em uma dada relação, quanto mais orifícios corresponderem “exatamente” aos eflúvios e partículas, mais “eles serão capazes de se misturar”. Portanto, segundo Nietzsche, os corpos que são semelhantes tendem a se misturar, porque o “semelhante deseja o semelhante” e o que não se mistura “se odeia”, afastando-se.

O helenista Jonathan Barnes (2000, p. 563-564), argumenta que, na teoria dos poros, Empédocles parte do princípio de que todos os corpos produzem emanções e que

elas são distintas em forma e magnitude, dado que, cada corpo tem a sua estrutura e existem variações nos tipos de emanção, pois umas apresentam cores, outras sons, odores etc.. Quando as emanções se cruzam, entrando em choque com outros corpos, elas podem atingir o órgão sensorial do outro, desde que ele possua poros semelhantes, tornando possível uma adaptação. O comentador ressalva que não existem relações perfeitas, tanto que, a maioria das emanções se perde. Deste modo, de acordo com a necessidade da aproximação das formas entre o poro da emanção e o da recepção, pode-se justificar o porquê de as emanções de cor chegarem aos olhos, os sons alcançarem aos ouvidos e assim por diante. Em síntese, a percepção é, para Empédocles, na leitura de Barnes (2000, p. 564), um fenômeno de ordem física e, por isso, a sua descrição é feita com a rigidez da linguagem das ciências naturais.

Barnes (2000, p. 565, *tradução nossa*), em sua arguição, critica o comentário de Teofrasto sobre a teoria dos poros. Segundo o autor, não é sempre que as “emanções se adaptam aos poros e produzem uma percepção”, dado que, os eflúvios e os poros não funcionam apenas para explicar a percepção, mas também para explicar os fenômenos da reflexão, da respiração, o magnetismo, as combinações químicas e os fenômenos naturais em geral. Em sentido geral, Barnes pontua que as emanções (*aporrhoiai*) e os poros (*poroi*) são “princípios gerais da física” e não “princípios especiais da psicologia”²⁰. Na tentativa de sustentar a sua tese, o comentador dá como exemplo a visão, vejamos: para que uma visão aconteça é necessário que uma emanção entre em contato com algum poro de um olho; caso ocorra uma semelhança entre eflúvio e poro, preenchendo o espaço em aberto, ocorre uma adaptação, fazendo com que surja o fenômeno da visão (BARNES, 2000, p. 565-566). Portanto, a percepção para Empédocles é de ordem fisiológica, assim como o pensamento, porém ambos não podem ser confundidos (BARNES, 2000, p. 569).

O helenista Barnes em seu comentário também contrapõe a ideia de Aristóteles, de que pensar e perceber seriam a mesma coisa no pensamento empedocleano, afirmando que ambos são semelhantes por serem processos físicos. Na interpretação de Barnes (2000, p. 569, *tradução nossa*), pensar e perceber são coisas distintas, pois quando Empédocles diz que o “sangue que rodeia o coração é pensamento para os homens²¹”, ele não está colocando objetivamente que o sangue, o coração ou o sangue do coração

²⁰ No original: “Lejos de ser marca distintiva de la percepción, la adaptación de las emanaciones a los poros es una característica común de los fenómenos naturales: las *aporrhoiai* y los *poroi* son principios generales de la física, no principios especiales de la psicología” (BARNES, 2000, p. 565).

²¹ Na edição de Os Pré-Socráticos se encontra em: (EMPÉDOCLES, *Sobre a natureza*, b 105).

ensem, nem que o coração seja o único órgão de “instrumento do pensamento”. O coração tem importância fundamental, porque é o lugar principal do pensamento, pois o sangue do coração é uma “mistura especialmente fina de elementos”, sendo que, cada um dos elementos “é um órgão ou instrumento do pensamento” e o sangue do coração é um meio “adequado para a cognição”²².

Com relação as mudanças do pensamento, Barnes (2000, p. 572, *tradução nossa*) argumenta, a partir de uma possível influência de Parmênides no pensamento de Empédocles, que na medida com que o corpo sofre alguma mudança, o pensamento consequentemente se altera, porque os “estados intelectuais são estados físicos” e os processos intelectuais são operações físicas. Assim, ele sustenta que Empédocles propõe uma explicação “materialista do pensamento”²³.

A comentadora Marilena Chauí (2002, p. 111), relaciona a teoria dos poros de Empédocles com as forças de amor e ódio. Para a autora, os quatro elementos fundamentais percorrem os corpos por suas porosidades, sendo que, é justamente estes meios de passagem que o amor e o ódio penetram nos corpos, provocando a mistura ou o desmembramento. Podemos ressaltar, que esta é a única comentadora com que trabalhamos que relaciona os conceitos de *philia* e *neikos* com a teoria dos poros e caracteriza tais forças como corpóreas. Além disso, ressaltamos que a visão da autora

²² No original: “Qué ocurre entonces con el análisis del pensamiento? La afirmación de Aristóteles de que “pensar y percibir son una misma cosa” no debe tomarse al pie de la letra: sólo dice que pensar, en opinión de Empédocles, es, al igual que la percepción, un proceso físico; no quiere decir que pensar sea exactamente el mismo proceso que percibir. De forma similar, Teofrasto sólo pretende destacar que el principio de “lo semejante con lo semejante” se aplica en la doctrina de Empédocles tanto al pensamiento como a la percepción, y tampoco en este caso debe entenderse como identidad total entre ambos procesos. “La sangre que rodea al corazón es pensamiento para los hombres” (429.3): Empédocles no dice que sea la sangre la que piensa, ni que el corazón, o la sangre del corazón, sea el único órgano o instrumento del pensamiento. El corazón tiene una importancia absoluta, pero sólo es el lugar donde pensamos “principalmente”. La sangre del corazón es una mezcla especialmente fina de los elementos; puesto que, como se dice implícitamente en B 107 y explícitamente en 425, cada uno de los elementos es un órgano o instrumento del pensamiento, la sangre del corazón resulta ser un medio peculiarmente adecuado para la cognición” (BARNES, 2000, p. 569).

²³ No original: “Si es correcta esta interpretación de Parménides, supone una cierta ayuda para entender a Empédocles, pues en efecto 431 infiere el B 108 de Empédocles a partir de 425. Pensamos en los elementos a través de los elementos; por tanto (dado que el pensamiento está determinado por la preponderancia de un elemento) a medida que cambiamos físicamente, también lo hacen los objetos de nuestro pensamiento. Por otra parte, Parménides confirma al aspecto decididamente materialista de la teoría del pensamiento de Empédocles: pensar en E es simplemente tener E como elemento predominante en nuestro cuerpo (o en alguna parte concreta de este); y empezar a pensar en E significa un cambio de nuestra constitución física. Los estados intelectuales son estados físicos, los procesos intelectuales son operaciones físicas. Es muy divertido encontrar una explicación materialista del pensamiento postulada con tanta firmeza por un presocrático, pero la explicación es demasiado burda para tomarla en serio, así que paso a otra cosa” (BARNES, 2000, p. 572).

sobre a teoria dos poros se sustenta no comentário de Teofrasto, que ela cita como a transcrição mais completa da teoria de Empédocles (CHAUÍ, 2002, p. 112).

Conforme a leitura de Chauí (2002, p. 112), a percepção para Empédocles é regida pela “lei dos semelhantes e dos diferentes”, como as demais relações no cosmos. A percepção, acontece pelo encontro de um elemento que é semelhante “em nós e fora de nós” ao chegar por meio dos “poros dos órgãos e dos sentidos”. Tal encontro ocorre por meio dos poros, que “emitem e recebem os eflúvios”, neste sentido, as emanações e recepções ocorrem continuamente, por exemplo, a audição pode ser explicada pelo movimento do ar que pode chegar aos ouvidos, produzindo um som. Assim, a comentadora pontua que a modificação qualitativa da sensação é derivada da diferença ou da semelhança entre eflúvios e poros, sendo que, a dor é provocada pelo diferente e o prazer pelo semelhante. Portanto, o pensamento e a ignorância seguem o mesmo princípio, de que “o semelhante conhece o semelhante” e ignora o diferente (CHAUÍ, 2002, p. 113).

Para a autora, as necessidades do órgão do pensamento exige uma suscetibilidade maior para a mistura e combinações por conta de suas funções, por isso, dentre os órgãos humanos o que tem mais capacidade de mistura é o sangue e, portanto, o coração é a matriz do pensamento, dado que, é ele quem “recebe e espalha o sangue”. Deste modo, a qualidade do pensamento varia conforme a qualidade do sangue e a sua capacidade de mistura. Portanto, na interpretação da comentadora, o pensamento surge por meio de um encontro oportuno entre eflúvios e poros, que ao entrarem no corpo circulam e produzem novos eflúvios, assim, o pensamento é ligado ao estado físico do corpo que se altera a cada encontro (CHAUÍ, 2002, p. 114).

A autora (CHAUÍ, 2002, p. 114), conclui que graças aos seus conhecimentos sobre medicina, Empédocles foi o primeiro “a formular uma teoria do conhecimento” que não só tocou na diferença entre “aparência e realidade”, como fizeram seus antecessores, mas que também buscou descrever os “mecanismos ou operações do corpo” para explicar o modo com que podemos conhecer as coisas.

O comentador Sigfried Zielinski dá ênfase na teoria dos poros em sua interpretação dos fragmentos de Empédocles, ele acredita que a partir desta teoria pode ser formulada uma teoria da percepção que traga boas contribuições para os estudos dos *media*. O autor estrutura a sua argumentação elencando alguns pontos, vejamos: o primeiro é de que o conceito de “percepção de um pelo outro” pode ser encaixado na estrutura da cosmologia de Empédocles; o segundo é de que não há distinção entre

compreensão e percepção sensorial, assim como não existe a separação do que acontece na subjetividade e do que acontece na objetividade; o terceiro é de que não há agente ativo e passivo, porque ambos os corpos são ativos quando entram em relação, modulando a dinâmica relacional no processo de mistura, provocando um contínuo intercâmbio entre um e outro (Zielinski, 2006, p. 65). Nesta interpretação, os corpos se relacionam na mistura, a partir das forças de atração (*philía*) e repulsão (*neikos*).

Segundo o comentador, para que os indivíduos da relação sejam ativos, Empédocles os apresenta como corpos da natureza com um “dom maravilhoso”. Nesta perspectiva, esses corpos possuem uma “película” ou “filme” de pouca espessura que os envolvem como um todo, protegendo do que é externo, porém são estabelecidas algumas passagens nesta película, dando vazões para que existam possibilidades de relação entre o meio interno e o externo. Estas “vazões” são os poros, que possuem formas diversas, únicas em cada corpo. Deste modo, os poros recebem um constante “fluxo de efluências” que é passado de um corpo para o outro. As incompatibilidades entre os poros produzem aversões nas relações, em contrapartida, a compatibilidade acontece em situações relacionais em que ocorre uma semelhança entre poro e eflúvio, possibilitando uma troca, gerando uma sensação. Esta compatibilidade ou incompatibilidade não se reduz apenas as relações com outros corpos, mas também serve para explicar o funcionamento e as diferentes áreas do corpo, que possuem especificidades porográficas e, por isso, a audição ocorre pelos ouvidos, a visão pelos olhos, o olfato pelo nariz etc.. Em um sentido mais específico, as sensações podem variar de intensidade de acordo com a compatibilidade dos poros, pois um poro muito largo pode fazer com que sensações passem quase despercebidas e, quando são estreitos, podem até mesmo impedir que alguma sensação seja produzida, pois o eflúvio pode ser incapaz de passar pelo poro (Zielinski, 2006, p. 65, 66).

Zielinski comenta um fragmento em que Empédocles (*Sobre a natureza*, b 84) fala sobre a visão, arguindo que o pré-socrático consegue congrega de forma poética os “componentes anatômicos do olho”, como a noção de percepção do outro que ocorre por meio do processo de fluxo de efluentes. Esta ideia pressupõe a existência de uma energia “candente” e inesgotável em cada corpo. O autor pontua, que Empédocles emprega explicações fisiológicas para todos os sentidos, porém ele não propõe uma hierarquia entre eles, assim como não propõe uma hierarquia entre os corpos da natureza. Na visão do autor, a ideia de troca de eflúvios não diz respeito apenas à espécie humana, mas sim

a qualquer relação que ocorre nos “fenômenos naturais, incluindo inorgânicos” (Zielinski, 2006, p. 68).

Segundo Zielinski (2006, p. 69), as suas reflexões sobre os fragmentos de Empédocles estiveram na direção de desenvolver ou chegar a uma síntese de um conceito de percepção e, segundo o seu comentário, a percepção pode ser sintetizada como uma combinação gerada por uma similaridade entre poros e eflúvios em uma dada relação. O autor ressalta que o seu trabalho não busca fazer história da filosofia ou filologia, mas sim propõe uma investigação da obra de Empédocles para extrair “ideias e assertivas”, que possuam uma relação com a atividade mediática contemporânea, como a “práxis” dos *media*, que diz respeito à “interface entre um e outro”, e que pode ser definida como: “a interface entre pessoas midiáticas e máquinas midiáticas [sic]”. Assim, a teoria de Empédocles pode ser aplicada para discutir as relações mediáticas, porque a possível ideia ou conceito de percepção, nos mostra que em uma dada relação a percepção pode ocorrer ou não, sendo que, a sua ocorrência aponta para uma possível de uma troca recíproca, que é possibilitada por uma interface. Portanto, Zielinski compreende que a teoria dos poros de Empédocles pode ser trabalhada como uma “teoria da percepção” (ZIELINSKI, 2006, p. 73).

O comentador (ZIELINSKI, 2006, p. 73-74), ressalta que se essa teoria da percepção for interpretada de modo “tecnológico”, ela poderá referir-se a uma “teoria da dupla compatibilidade”, dado que, o “tamanho e o poder relativo dos poros e dos efluentes devem combinar para a ocorrência da troca”. Deste modo, a teoria dos poros, no sentido físico, trata-se de uma “teoria das afinidades”, que pode ser descrita em “termos fisiológicos” como “dação e recepção de atenção recíproca”. No sentido econômico, ela pode ser vista como uma “teoria da extravagância”. Na “heurística da mídia [sic]”, ponto em que o autor reúne todas as concepções anteriores, ela é adequada a uma teoria de “interface perfeita”. Porém, se a interface é perfeita não há como elaborá-la, mas é justamente pela impossibilidade potencial que ela é digna de consideração para pensar as interfaces existentes que, segundo Zielinski, pretendem ter de antemão uma compatibilidade “já estabelecida entre um e outro”.

Os comentadores que trabalhamos neste artigo forneceram chaves de leitura importantes, que elucidaram em diversos pontos os fragmentos de Empédocles, de modo que, os dois poemas do pré-socrático parecem ter certa coerência e continuidade entre as ideias. O elemento em comum entre os comentadores, que podemos ressaltar, é a existência da teoria dos poros, que tem o seu modo de acontecer descrito, em âmbito

geral, como uma compatibilidade entre eflúvios e poros. Porém, no que diz respeito a mecânica e o processo da teoria, assim como a sua aplicabilidade na natureza, não há consenso.

A partir dos fragmentos disponibilizados na edição *Os Pré-Socráticos* (1996), em que foi feita parte da pesquisa, localizamos apenas um fragmento no poema *Sobre a natureza* que abordasse que questão dos poros:

E assim todos inalam: em todos há, sem sangue,/ canais de carne à superfície do corpo estendidos,/ e sobre os bocais destes com muitos poros está perfurada/ a extrema superfície da pele, de modo que o sangue/ contém-se, mas ao éter fácil passagem através se abre [...]. (EMPÉDOCLES, *Sobre a natureza*, b 100).

Nessa passagem do poema, fica evidente a ideia de poro no pensamento de Empédocles, mas não é clara a sua completude teórica conforme discutem os comentadores, principalmente em relação à percepção e ao pensamento. Deste modo, mostra-se necessário confiar na doxografia²⁴ para tentarmos interpretar os fragmentos de Empédocles para, assim, refletirmos sobre a teoria dos poros.

Sobre a questão do pensamento, de acordo com Barnes (2000), podemos encontrar fragmentos mais precisos, por exemplo, podemos dizer que o pensamento surge pelas vias dos sentidos, sendo que, é possível encontrar algo aproximado no fragmento b 03 de *Sobre a natureza*. Neste poema, Empédocles coloca os sentidos como caminho para o conhecimento, porque é apenas por eles que “é clara cada coisa”, sendo que, cada membro ou sentido capta as coisas de diferentes formas e cada um deve pensar a partir da originalidade da revelação. No fragmento b 108 de *Sobre a natureza*, podemos dizer que Empédocles relaciona o estado do pensamento com o estado do corpo: “Quanto se tornaram diferentes, tanto neles, sempre,/ o pensar diferentes (coisas) ocorre...”. Ao que nos parece, o corpo pensa para Empédocles, algo semelhante à interpretação feita por Barnes (2000, p. 572).

Dentre os comentadores, a leitura *high tech* de Zielinski destoa das demais. Leituras são possíveis e respeitamos a ideia metodológica do autor de “anarqueologia da mídia [sic]”, que tem como um de seus pressupostos o de buscar autores “esquecidos” que

²⁴ “Em seu sentido etimológico, 'doxografia' significa basicamente o mesmo que compilação de opiniões ou teorias de outros autores; e 'doxógrafo' era a designação que se aplicava àqueles que transcreviam ou escreviam sobre as opiniões e teorias dos filósofos [...] trata-se da história da filosofia ou ciência gregas ou latinas escrita não por um autor atual, mas por um antigo historiador grego ou latino” (ALCOFORADO, 1997, p. 278).

possam levar a reflexões importantes para pensarmos os *media* e as relações mediáticas no mundo contemporâneo (ZIELINSKI, 2006, p. 44-45). Porém, podemos questionar a ideia do autor de que a teoria da percepção de Empédocles proponha uma ideia de interface perfeita, sendo que, a teoria do pré-socrático provavelmente aponta não para a perfeição, mas sim para a adaptação relacional entre eflúvios e poros²⁵. Outro ponto é que a ideia apresentada por Zielinski, supostamente como original, de que a percepção seria o resultado da relação entre poros e eflúvios semelhantes foi originalmente desenvolvida por Teofrasto, porém não há qualquer menção a este filósofo na obra do pensador alemão.

Em síntese, podemos dizer que, no caso de Zielinski, mesmo sendo um teórico mais próximo do campo da comunicação, suas ideias não colaboram com a nossa tarefa de pensar aspectos do pensamento empedocleano que possam contribuir para o campo da comunicação. Em contrapartida, algumas ideias de Teofrasto e Nietzsche podem ser interessantes caso sejam desdobradas, vejamos.

4. Considerações finais: Empédocles e a comunicação

A partir das discussões anteriores, selecionamos três chaves de leitura possíveis para interpretar o pensamento de Empédocles, fazendo uma aproximação conceitual entre as ideias, podemos chegar a uma síntese interessante para o campo da comunicação.

A primeira delas é de Nietzsche (1996, p. 201-202). Quando o filósofo propõe que os corpos mesmo estando separados podem se relacionar, ele acaba por inferir que as relações no cosmos não se resumem a uniões e dissociações, porque provavelmente há uma complexidade maior nessas trocas, para que os corpos sejam capazes de se aproximarem sem se unirem ou se afastarem e, mesmo assim, continuarem próximos. Nesta hipótese, *philia* e *neikos* coexistiriam, compondo de múltiplas formas as relações no cosmos, assim, explicar-se-ia as diferenças qualitativas entre as relações.

A segunda chave é de Teofrasto (1996, p. 167-168). O filósofo propõe que em uma relação a semelhança total não gera sensação alguma, mostrando-se necessário uma diferença entre os corpos para que se produza algo. Esta ideia complementa a chave

²⁵ Acreditamos que os comentadores que trabalhamos, com a exceção de Nietzsche, pensam desta forma. No caso do filósofo alemão, ele pensa que a mistura só ocorre na correlação exata entre poros e eflúvios, como discutimos no início do trabalho. Porém, a palavra exata em seu discurso não parece se referir à perfeição, mas a semelhança.

anterior, de Nietzsche, pois se existe uma complexidade nas relações a ideia de diferença mostra-se essencial.

Desdobrando essas ideias, já levando-as para o campo da comunicação, podemos dizer que, a oposição total entre os corpos impede toda e qualquer relação, impossibilitando a comunicação, em contrapartida, a semelhança total também a impediria, porque é necessária uma diferença entre os corpos para que a comunicação aconteça. Neste sentido, em suas forças totais, *phília* e *neikos* simbolizariam a incomunicabilidade, logo, a comunicação poderia ser pensada no *entre* da união dos corpos e da separação, a partir da ideia de adaptação entre poros e eflúvios semelhantes. Assim, poderíamos inferir até mesmo níveis de comunicabilidade, de modo que, quanto maior a semelhança entre poros e eflúvios, mais intensa pode ser a troca, assim como o contrário, quanto menor a semelhança, mais superficial é a relação.

Sobre os níveis de comunicabilidade, pode ser possível dizer que se a relação for dominada por *neikos* ela tende a ser mais desagradável, pois o alto nível de diferença pode gerar uma sensação ruim ou superficial, pois os poros têm que se adaptar a diferença, em outras palavras, a diferença em seu nível mais radical possibilita a violência ou a indiferença. Por outro lado, quanto mais forte for a presença de *phília*, mais intensa é a troca e a tendência é que a relação seja mais agradável. Partindo destas possibilidades é possível pensar que a diferença e abertura são essenciais para que ocorra a comunicação, dado que, a diferença faz com que a relação não se torne uma comunhão e a abertura com que exista uma possibilidade de se verificar as semelhanças, mesmo que sejam mínimas, entre poros e eflúvios, para que os corpos não se separem totalmente. Deste modo, pode ser possível intuir, a partir do pensamento de Empédocles e da bibliografia secundária, que a comunicação é a produção de sensação a partir do encontro com o outro, sendo que, em cada relação ocorre uma alteração do corpo, fazendo-o emitir novos eflúvios. Em síntese, a comunicação pode ser sintetizada como a produção de sensação a partir da semelhança entre poros e eflúvios, gerando um devir.

A terceira chave também é de Nietzsche. O filósofo alemão coloca uma ideia fundamental para nós, que complementa as demais chaves de leitura, que é a inferência do *agón* (palavra grega que representa luta, embate) como marca fundamental de Empédocles, a ponto de ser definidora de sua vida e cosmologia. Para o autor, Empédocles pode ser definido como o “homem agonal”:

Empédocles mantém-se constantemente nesse limite, e quase sempre oferece esse rosto equívoco. Médico ou mago, poeta ou retórico, deus ou homem, sábio ou artista, homem de Estado ou sacerdote, Pitágoras ou Demócrito, ele flutua entre dois. É a figura mais matizada da filosofia antiga; põe fim à idade do mito, da tragédia, do orgíaco, mas ao mesmo tempo surge nele a imagem do grego mais moderno, democrata, orador, racionalista, criador de alegorias, homem de ciência. Dois séculos se defrontam nele; ele é, dos pés à cabeça, o homem agonal. (NIETZSCHE, 1996, p. 203).

Essa ideia é importante para nós, porque a força que o *ágon* pode ter para simbolizar a vida de Empédocles, também pode ser interessante para pensar o liame da comunicação, que conforme estamos discutindo, está entre *phília* e *neikos*. Deste modo, partindo destas chaves, pode ser possível delimitar, hipoteticamente, uma teoria da comunicação partindo dos fragmentos Empédocles, que pode ser denominada como *teoria agonística da comunicação*. Esta teoria parte da ideia de que o *ágon*, o embate, faz parte das relações comunicacionais, devido a elas estarem entre *phília* e *neikos*. Por conseguinte, toda a relação comunicacional, nesta hipótese, é carregada de certa tensão, hora exaltada e, em outros momentos, mais calma e atenuada. Portanto, o *ágon* seria o tensionamento que leva os sujeitos da relação a encontrarem, por meio de suas trocas, as suas semelhanças e diferenças, compondo uma malha dialógica.

Essa tensão, essa agonística, pode ser elevada pela exaltação das diferenças no decorrer das trocas ou pode ser atenuada pela revelação das semelhanças. Em um sentido prático, podemos ter como exemplo um diálogo entre opositores políticos, em que um deles pode querer se impor ao outro, enchendo o debate de tensão. Em contrapartida, podemos ter um encontro entre pessoas que compõem um grupo político, em que partilham uma ideologia, uma ideia de política, de ação social e de Estado semelhantes, porém a tensão que pode ocorrer no decorrer das trocas tende a estar no sentido de precaver a dissuasão ou desmembramento do grupo. Em ambos os casos, a presença de *ágon* se desdobra de distintas formas, dotando qualitativamente as relações por meio da tensão entre os diferentes, tensão que provoca uma sensação, que é, nesta perspectiva, o fenômeno da comunicação.

Referências

- ALCOFORADO, Paulo. Doxógrafos Gregos. *Revista Kléos*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 277-291, 1997.
- BARNES, Jonathan. *Los Presocráticos*. Traducción: Eugenia Martín López. Madrid: Cátedra, 2000.

- CHAUÍ, Marilena. *Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles*. Vol. 1. São Paulo: Companhia das letras, 2002.
- EMPÉDOCLES. Fragmentos. Tradução: José Cavalcante de Souza. In: *Coleção Os Pré-Socráticos*. São Paulo: Nova Cultural, p. 173-192, 1996.
- HERÁCLIRO. Fragmentos. Tradução: José Cavalcante de Souza. In: *Coleção Os Pré-Socráticos*. São Paulo: Nova Cultural, p. 87-101, 1996.
- HEGEL. Preleções sobre a História da Filosofia. Tradução: Ernildo Stein. In: *Coleção Os Pré-Socráticos*. São Paulo: Nova Cultural, p.103-116, 1996.
- KUHNEN, Remberto. Dados biográficos. In: *Coleção Os Pré-Socráticos*. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- LAÉRCIO, Diógenes. Livro VIII – Pitágoras e os pitagóricos. In: LAÉRCIO, Diógenes. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Tradução e notas: Mário da Gama Kury. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, p. 229-250, 2008.
- LIBANIO, Deodato. *Das coisas que fazem pensar: o problema da violência da comunicação*. Trabalho apresentado no XXXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado na Universidade da Região de Joinville – SC, Campus Joinville, 2018a.
- LIBANIO, Deodato. Sobre os abalos, o novo e as lágrimas: um estudo sobre a construção do conhecimento comunicológico. In: OLIVEIRA, Danielle; LIESEN, Maurício (Org.). *Para comunicar o incomum: escritos em homenagem aos 70 anos de Ciro Marcondes Filho*. São Paulo: Paulus, p. 110-151, 2018b.
- LIBANIO, Deodato. O debate sobre a Nova Teoria da Comunicação: questões sobre fenomenologia, ontologia, linguagem e epistemologia. *Revista Líbero*, São Paulo, n. 50, janeiro/abril, p. 78-99, 2022.
- MARCONDES FILHO, Ciro. *O princípio da razão durante: o conceito de comunicação e a epistemologia metapórica: nova teoria da comunicação III: tomo V*. São Paulo: Paulus, 2010a.
- MARCONDES FILHO, Ciro. *O princípio da razão durante: comunicação para os antigos, a fenomenologia e o bergonismo: nova teoria da comunicação III: tomo I*. São Paulo: Paulus, 2010b.
- MARCONDES FILHO, Ciro. *Comunicologia ou mediologia?: a fundação de um campo científico da comunicação*. São Paulo: Paulus, 2018.
- NIETZSCHE, Friedrich. O nascimento da Filosofia na Época da Tragédia Grega. Tradução: Rubens Rodrigues Torres Filho. In: *Coleção Os Pré-Socráticos*. São Paulo: Nova Cultural, p. 198-203, 1996.
- PARMÊNIDES. Doxografia e Fragmentos. Tradução: Remberto Kuhnen; José Cavalcante de Souza. In: *Coleção Os Pré-Socráticos*. São Paulo: Nova Cultural, p. 117-126, 1996.
- TALES. Doxografia. Tradução: Wilson Regis. In: *Coleção Os Pré-Socráticos*. São Paulo: Nova Cultural, p. 40-41, 1996.
- TEOFRASTO. Da Sensação. Tradução: Remberto Kuhnen. In: *Coleção Os Pré-Socráticos*. São Paulo: Nova Cultural, p. 167-172, 1996.
- ZIELINSKI, Siegfried. *Arqueologia da mídia: em busca do tempo remoto das técnicas do ver e do ouvir*. Tradução de Carlos D. Szlak. São Paulo: Annablume, 2006.

Recebido em: 11/07/2022

Aprovado em: 13/12/2022